

encontra-se em níveis alfabético e ortográfico; durante as aulas mais recentes, surgiu como ponto de interesse a palavra **GEADA**: a possibilidade de escrita sugerida foi **GADA** (letra G associada à sílaba GE); para a palavra **ÁGUA** surgiram: **AGA e GAUA**, para a palavra **GIBI** surgiram: **GB e GIB**. Nota-se que há construção de possibilidades de escrita a partir da cadeia sonora. As letras começam a adquirir valores sonoros (silábicos) estáveis e isto gera o conflito: se por um lado não basta uma letra por sílaba, por outro, descobre-se que existem problemas ortográficos, isto é, não se escreve igual ao que se fala.

Estamos, agora, no momento em que consideramos ser a fase mais difícil para o alfabetizador: ansiosos para vê-los lendo e escrevendo "corretamente", é-nos difícil esperar a criação de possibilidades de escrita. Por sua vez, os idosos, irritam-se com certa facilidade quando não lhe damos as respostas prontas e insistimos para que continuem tentando até chegarmos à forma ortográfica. No entanto, esta "briga", as dificuldades, motivam e aumentam o interesse de todos.

Esta experiência tem sido enriquecedora. Temos aprendido muito com os idosos: pela sua experiência de vida, pela sua leitura do mundo, pela sua busca tenaz da leitura da palavra. Aceitamos um desafio e envolvemo-nos "até os ossos". Até onde chegaremos, não sabemos. Alguns, cétricos, dizem ser tudo isto uma perda de tempo (afinal de contas, "o futuro do Brasil" é a criança, não o velho); outros, sonho... Creemos numa realidade - talvez a mais interessante em toda a vida escolar das pessoas: ver e fazer processar-se, fluindo de dentro de cada um de nós, a aquisição e o crescimento da leitura e da escrita. Isto é alfabetização. É vida. E vida não tem idade.

II - A AVENTURA PEDAGÓGICA

Por: Francisco Campos

Ex-aluno do Curso de letras/UNIR

INTRODUÇÃO

A realidade educacional nos mostra, entre muitas coisas, quão tem sido crítica a situação do ensino de Português e Literatura na escola. Alguns críticos afirmam que todas as disciplinas têm tido um franco desenvolvimento. A disciplina de Matemática, por exemplo, tem lançado no mercado, mesmo não se podendo negar que, em plena era do computador, a necessidade auxilie o uso da criatividade para o ensino de aritmética. Havendo a necessidade, a inventividade é maior.

Mas como considerar o ensino da Língua Portuguesa algo necessário? Há, dentro do ensino da Língua Portuguesa e Literatura, um confronto de idéias e metodologias. Súbito, no interior de uma mesma escola, os professores da área de Letras seguem linhas diversas, modos de ser baseados nessa ou naquela teoria. Não se quer que todos os professores da área usem os mesmos dispositivos de ensino, mas que haja uma organicidade. Não sendo assim, o aluno é que sempre irá perder.

Precisamos, pois, ver o que é mais importante no ensino de Português e

Literatura, analisar as limitações de nossos alunos e suas necessidades na expressão do que é sua vida, avaliar a nossa atuação como agente transformador da sociedade e, acima de tudo, nos despir dos preconceitos linguístico-acadêmicos, tão presentes nas falas de muitos professores que não admitem renovar seus métodos.

Sendo assim, precisamos entender alguns tópicos do ensino das disciplinas da área de Letras.

I - TÓPICOS DE DISCUSSÃO E REFLEXÃO

1.1 - A linguagem, em todos os aspectos, é um processo:

Ninguém nasce falando. Ninguém aprende a escrever e ler melifluamente de uma hora para outra. Tudo é processo, desenvolvimento, estágio. O professor deve se considerar não uma escadaria, mas um degrau. O que um professor inicia, o outro deve continuar. É o que se espera.

A disciplina de Comunicação e Expressão dá lugar à de Português que, por sua vez, tem sua continuidade em Literatura e Didática de Português, no caso do Magistério. Enfim, durante onze longos anos o aluno aprende a escrever, ler, se expressar em língua portuguesa. Porém, são poucos os que chegam na faculdade escrevendo a contento. Algo não vai bem.

O ensino de Literatura tem sido prejudicado, pois:

- a) O aluno não sabe analisar um texto, tendo uma visão rasa e pueril de sua realidade;
- b) O aluno nunca foi motivado a uma leitura mais densa; e
- c) O aluno não consegue expressar suas idéias, contraditórias ou não, tendo medo da reação do professor-autoridade.

O professor de Literatura, quando reduz o conteúdo a datas e títulos, não colabora com o processo.

1.2 - A Língua é um fato social: o seu ensino está ligado ao social:

No uso da língua estão inseridos diversos aspectos preconceituosos. O academicismo, presente nas gramáticas (não em todas), tenta se impor sobre o coloquial. Isso é um fato social.

Querer reduzir o ensino da língua ao estudo das gramáticas é inculcar no aluno a idéia de não haver motivos para que ele mesmo venha a desenvolver sua capacidade de expressão. E mais: é deixar o aluno à mercê da ignorância quanto ao seu destino. Ora, vivemos em uma sociedade onde a persuasão, infelizmente, é um vício que vem ganhando, no uso da língua, formas cada vez mais eficientes. O não aprendizado da língua, nesse caso, leva o aluno à alienação.

1.3 - Não se escreve ao vento, não se lê ao vácuo:

Deve haver uma motivação para o que se vai fazer. Muitas vezes o aluno não sabe o porquê do ensino de Português. É só perguntar. O porquê pode nos levar a muitos lugares. Simples. Ler e escrever se aprende mais fora que dentro da sala.

1.4 - As ocasiões estabelecem o tipo de discurso:

A fala é uma arma quente, parodiando John Lennon. A escrita também. A motivação e o momento devem ser vistos pelo Professor como auxiliares na hora de ensinar.

1.5 - A avaliação não é só dizer o que está ruim, mas mostrar o que progrediu:

Avaliar é uma atitude necessária no momento de se ver quando o aluno pode ou não "queimar" uma etapa. Infelizmente, para alguns professores, avaliar é mostrar o nível de incompetência do aluno. Isso não é válido.

II - ASPECTOS A SEREM OBSERVADOS:

2.1 - Espaço:

A sala de aula é um espaço limitado para o aprendizado da língua. A biblioteca, a sala de vídeo, a sala de leitura e o palco do auditório são locais que podem ser usados no momento do trabalho.

2.2 - Formas de expressão:

O teatro, o cinema e a música, além da poesia e das gravuras, são formas de expressão. Os alunos e o professor giz-quadro-apagador. O corpo fala.

2.3 - Debates:

A fluência de idéias, a exposição dos sentimentos, quão ausentes estão das nossas aulas? As pessoas não estão habituadas a discutir o que sentem, não sabem tirar conclusões e, sem isso, não progredem, não andam com os próprios pés.

2.4 - Gramática:

Não é tudo no ensino de Português. Mas é necessária. O bom escritor, às vezes, consulta o dicionário. As regras de gramática têm por função esclarecer e não confundir o aluno. É o seu abuso em sala de aula que, muitas vezes, cria uma má imagem do ensino de Português.

2.5 - Fruição:

A leitura de textos agradáveis é um fator que anima o aluno a criar o hábito de ler. Um texto desagradável tem o valor de uma bula de remédio que se toma há muito tempo.

Amostras de material didático, exposições artísticas, palestras e debates sobre questões pedagógicas e aulas especiais. Todas as disciplinas têm espaço para apresentar qualquer assunto ligado ao que está sendo ensinado.

a) Na área de Letras, houve diversas atividades envolvendo Literatura Infantil: peça teatral, montagem de um texto de Maria Clara Machado, "A Bruxinha que era boa"; e a palestra com a professora universitária Marisa Khalil, seguida de apresentação de "A Verdadeira Estória da Bela Adormecida", com os alunos da UNIR.

b) Semana de Alfabetização: durante uma semana abre-se espaço para as diversas técnicas de alfabetização, novas propostas e discussões a serem apresentadas. Alunos, professores e alfabetizadores se reúnem para os debates.

c) Campanha de Conscientização Política: promovida pelos professores da área de Ciências Humanas, ocorreu duas semanas antes das eleições do 1º turno de 1990. Seu objetivo era fazer do aluno de Magistério um agente conscientizador. O tema da campanha era "não vote em branco, nem anule voto: participe".

De cunho apartidário, a campanha foi desenvolvida em dois momentos:

a) a passeata e panfletagem nas áreas mais movimentadas da cidade; e b) peregrinação na periferia com o trabalho de conscientização e, ao mesmo tempo, pesquisa sobre a visão política do cidadão de Porto Velho.

c) Debate com os candidatos ao governo do Estado, em 1990: os candidatos levaram suas propostas de governo aos alunos do Magistério, para discussão e debate.

d) Palestras sobre diversos temas: apresentaram-se na escola, entre outros, João Wanderley Geraldi, mestre em Letras da UNICAMP; Marisa Khalil, professora de Literatura da UNIR; e Dr. Sathler, médico da ALE, que falou sobre questões como o aborto e doenças sexualmente transmissíveis.

REGÊNCIA: A AVENTURA PEDAGÓGICA

Era quarta-feira, nove de maio de 1990, quando assumi o cargo de professor titular de Literatura, no turno da noite no Instituto Carmela Dutra. Sete turmas, três séries de Magistério, terceiro profissional em um ano. Aceitei o desafio.

Logo, alguns problemas me foram colocados:

- conteúdo dado pelos outros professores: escasso;
- tempo disponível: exíguo;
- aulas atrasadas: a mancheias;
- interesse pela disciplina por parte dos alunos: pouco;
- nível da maioria dos alunos: de médio para baixo.

Surgiu a necessidade tornar as aulas agradáveis e dinâmicas para recuperar sem prejuízo o tempo perdido. Deveria eu, como um bom professor, selecionar o imprescindível no conteúdo e me deter apenas no que pode ser enriquecedor. Enfim, nada de datas e locais de nascimento, mas o processo histórico, as características do estilo e os autores e os temas mais polêmicos. Some-se isso a um interesse por se discutir a política cultural e seu desenvolvimento e a análise da educação enquanto um fator social de relevância refletida no processo literário.

Os recursos do colégio estavam ali, à disposição: biblioteca e sala de leitura, sala de vídeo e auditório. Agora, era só começar nosso serviço.

Nas turmas de 2º ano (as fichas de frequência se referem às aulas dadas nessas turmas), o conteúdo para o trabalho era Pré-Romantismo e Romantismo. Tomei como objetivo trabalhar tais assuntos em um bimestre e meio, prevendo desde já acontecimentos como: cortes de energia, palestras, faltas eventuais e feriados, o que poderia mais ainda atrasar os trabalhos.

A princípio não foi fácil expor a proposta aos alunos, já habituados ao feijão-com-arroz tão comum no ensino de Literatura. A ação e a influência do contexto histórico demoraram a ser captadas nos textos que analisamos. O papel do índio na obra de Gonçalves Dias, o sentimentalismo em Álvares de Azevedo, o nacionalismo em José de Alencar, o ideal abolicionista em Bernardo Guimarães, o condoreirismo de Castro Alves, o regionalismo de Tunay, entre outros, foram temas discutidos em sala de aula, mas nem sempre assimilados pela maioria. Porém alguns alunos começaram a compreender os objetivos do trabalho, o que me animou a prosseguir neste ritmo.

No decorrer do trabalho, estudamos autores não muito populares, como Sousândrade, Corpo Santo, Emiliano Pernetta e Pedro Kilkerry. A música e o vídeo foram úteis na introdução de alguns assuntos. O debate e a pesquisa, além das leituras, foram outros pilares da metodologia adotada.

É certo que, para o pleno sucesso dos trabalhos, houve muita complicação, mas tudo saiu conforme o almejado. Nem todo o conteúdo foi apresentado, porém o que foi trabalhado ficou.

O que importa, às vezes, não é para onde se vai, mas como se anda. Ensinar Literatura sem uma certa dose de paixão é um erro. É preciso fazer da leitura um prazer: o de descobrir o novo, vencer a ignorância e ampliar o universo do aluno. Eis o desafio do ensino de Literatura.

III - PROJETO ECA (ESTÁGIO SUPERVISIONADO)

Por: Francisco Rogério Melo
Ex-aluno do Curso de Letras/UNIR

INTRODUÇÃO

Afinal, o que vem a ser este projeto de nome tão jocoso? Coincidentemente, o encontro das iniciais das palavras: estímulo, compreensão e ação formam a pejorativa interjeição "ECA". E por que o E.C.A.? Porque acreditamos que, para ocorrer a transformação do pensamento, é fundamental haver o **ESTÍMULO** para se despertar o interesse para a **COMPREENSÃO** do conhecimento e principalmente, a utilização deste conhecimento para a **AÇÃO**.

Embora considerando a organização um aspecto importante para se ministrar um conteúdo, a sensibilidade do professor não pode ignorar o momento existencial do "ambiente humano" ocupado por seres humanos, os quais estão suscetíveis ao desestímulo ante à apresentação de um tema que pode tornar-se arbitrário por mais bem intencionado o professor esteja, pois o tema pode estar dessintonizado do potencial autêntico da turma. Portanto, o curso da aula deve seguir a direção apontada pela predisposição do grupo.

Estimulado, o aluno aguça sua percepção: participa, questiona, envolve-se no processo, pois, somente após o seu envolvimento é que o ambiente de sala de aula